

A ANGÚSTIA COMO CARÁTER ANTROPOLÓGICO-METAFÍSICO DO INDIVÍDUO

Kleber Santos Chaves*

RESUMO: Percebendo que o despertar da consciência no viver implica uma existência marcada pela angústia – aquela ambiguidade certa ante o incerto – arriscou-se neste artigo refletir acerca deste tema em uma perspectiva antropológico-metafísica da obra de Soren Aabye Kierkegaard. Neste caminho, o indivíduo é eleito – pelo próprio danês – como centro das atenções, uma vez ser ele o afetado pela angústia. Assim, pensando sobre a angústia, pensamos a existência subjetiva no exercício da liberdade humana e na busca pelo sentido em existir.

PALAVRAS-CHAVE: Angústia. Indivíduo. Escolha. Liberdade.

1. INTRODUÇÃO

Propõem-se aqui uma reflexão acerca da angústia como traço do indivíduo a partir de uma leitura antropológico-metafísica da Obra do danês Soren Kierkegaard. O pensador danês pode ser caracterizado como uma voz que clama contra a

* Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR). E-mail: kleber.ksc2@gmail.com. A versão final deste texto foi elaborada para atender as exigências do Curso de Extensão: "Oficina de leitura e produção de textos filosóficos", oferecido pelo *Núcleo de Estudos sobre Imaginário e Linguagem* (NEIL) e coordenado pelo prof. Jasson Martins (Membro do referido Núcleo e docente do Curso de Filosofia da UESB). Uma versão ampliada deste texto, com título diferente, foi apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) junto ao Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR).



compreensão hermética e desconexa da realidade cotidiana. Ironicamente, ele conceitua a angústia, na obra de 1844, *O conceito de angústia*, tornando-a tema de uma reflexão psicológico-demonstrativa.

Angústia como fio condutor de sua reflexão, revela-se tonalidade afetiva (*Stemming*) do indivíduo diante da existência, como indivíduo *capaz-de*. A angústia é descrita por Kierkegaard como aquele caráter ontológico que perpassa o indivíduo toda vez que este se encontra, em meio às possibilidades, ou seja, quer seja no instante da escolha (ou não), quer seja na incerteza que segue depois de tomada a decisão.

O que move o homem nas escolhas é o desejo de descobrir o horizonte de sentido à sua existência. Nós caracterizamos essa tarefa como sendo uma busca metafísica, uma vez que ela não está desligada do sensível e não se contenta apenas com ele, mas busca transcendê-lo. Encarnada em meio às contradições que a própria constituição individual apresenta, a reflexão kierkegaardiana visa afirmar a existência de modo integral em um tempo que o próprio autor caracterizava como superficial e em busca de conformação – irrefletida – com os padrões estabelecidos. Pensar o indivíduo no contexto antropológico metafísico é concebê-lo como ser capaz de afirmar a sua própria subjetividade.

2. KIERKEGAARD EM SEU TEMPO

O indivíduo sobre o qual Kierkegaard reflete, no final das contas, é ele mesmo. Servindo, dessa maneira como exemplo de comprometimento da vida com a busca da verdade – do sentido, pois, para ele “[...] ser escritor é agir, ter obrigação de agir e, por conseguinte, ter um modo pessoal de existência” (KIERKEGAARD, 1986, p. 51). Neste contexto que o danês fez de sua vida um compromisso com as ideias, de maneira



que a humanidade, nele presente, marca o gênero humano - partindo dos filósofos - com a necessidade de não chamar de filosofia um conjunto de ideias que despreze o indivíduo existente tal como ele se apresenta na realidade concreta, no aqui e no agora da existência.

Os estágios da existência¹, desenvolvidos por ele, refletem e demonstram que seu pensamento contempla os grandes momentos da vida de um indivíduo, que, para além de simples exemplo, neste caso, é ele mesmo: a) O estético na boemia, na busca dos prazeres e da não tomada de decisões, descomprometimento vivido em parte da juventude, depois do primeiro *terremoto* existencial – ao saber-se filho do adultério do pai; b) A decisão – estágio Ético – de reenlace com o progenitor e seu imediato falecimento, seguida da decisão de se casar com Regina Olsen; c) Finalmente, o rompimento do noivado e o recolhimento auto-acompanhado para reflexão, que, depois da morte do amigo, o bispo Moller, mostrou-se como um combate ao cristianismo institucionalizado (figurado na Igreja nacional da Dinamarca), praticado como hábito social hereditário, porém desconexo da *Via Crucis*. A *Via Crucis*, para Kierkegaard, consistia no verdadeiro caminho de seguimento àquele que, na cruz, comprometeu-se, sem reservas, a um projeto que aceitou, coerentemente, por toda a vida e que culminou com a sua própria entrega,

¹ Kierkegaard compreende a existência humana através de estágios (ou estádios): Estético, Ético e Religioso. Despretensiosamente, resumindo-os seriam: o primeiro caracterizado pela busca de si nos prazeres, de modo descompromissado, vivendo a multiplicidade das possibilidades sem optar, com sua integridade individual, por nenhuma; no Ético, apresenta-se um indivíduo que, percebendo-se na existência, decide, e sua decisão é manifesta no comprometimento feito através de cada uma de suas escolhas; (Estético e Ético são abordados pelo autor na obra *Enten-Eller* de 1843); e o religioso, aquele capaz de entregar-se completamente ao Absoluto, no salto da fé (cujo paradigma é Abraão, conforme se lê na obra também de 1843: *Temor e tremor*). Uma explanação geral do assunto faz o filósofo canadense Charles Le Blanc, 2003, p. 52-77.



sacrifício existencial – momento no qual Kierkegaard trilhou, ele mesmo, o caminho ao estádio religioso.

Em seu tempo, Kierkegaard estava diante do predomínio do pensamento sistemático, marcadamente do hegeliano, que, colossal como é, empregava ao pensamento a realidade, de modo a pôr à deriva a existência concreta, desprezada, como eram os sentidos na filosofia platônica, uma vez que a experiência seria muito mais uma fonte de engano. Por essa linha é que Hegel tentou alcançar a verdade mesma, como consta na *Fenomenologia do Espírito*:

A verdadeira figura, em que a verdade existe, só pode ser o seu sistema científico. Colaborar para que a filosofia se aproxime da forma da ciência – da meta em que deixe de chamar-se *amor ao saber* para ser *saber efetivo* – é isto o que me proponho (HEGEL, 2003, p. 27, grifos do autor).

Ora, abandonar o *amor ao* para *apropriar-se do* saber é projetá-lo como um conhecimento acabado. Seria como prender o saber em uma gaiola, através de métodos e exercícios mentais de um indivíduo finito e limitado que se imagina infinito, situado nos limites do tempo. Que é isso se não a confirmação da constatação kierkegaardiana de que:

[...] Hegel, apesar de todas as suas excelentes qualidades e a sua colossal erudição, em tudo o que produziu está mais e mais a lembrar que era, na acepção alemã do termo, um professor de filosofia de um alto nível, na medida em que precisava explicar tudo à *tout prix* (KIERKEGAARD, 2015, p. 21).

O autor não critica os esforços e os, reconhecidamente, bem articulados escritos de Hegel e dos seus seguidores – antes, mesmo àqueles que ao alemão inspiraram – não. Ele não os tem como rivais pelo prazer de escrever a antítese de uma ideia cronologicamente anterior, mas, diz-nos que “[...] a única coisa que eu



posso fazer pela ideia, eu que não tenho doutrina a oferecer” é dar-lhe “[...] minha vida” (KIERKEGAARD, 2011, p. 23). Ele reflete, partindo do seu exemplo, sobre a existência e sua contrariedade em relação aos sistemas hermeticamente explicados. A vida não só permite, mas quase vive em contradições com o sistema, uma vez que ela é uma realidade mais complexa do que duas premissas que se conformam entre si e chegam a uma conclusão logicamente válida.

Nesse sentido que, ao refletirmos aqui sobre esse indivíduo, buscamos olhar a partir de pressupostos antropológico-metafísicos. Ainda que o dinamarquês seja um “revolucionário da metafísica”, uma vez que a distingue de “[...] toda realização histórica que se dá e acontece com a pretensão de um fundamento inconcusso, por ser absoluto, seja material ou imaterial, ou ambos ao mesmo tempo” (LEÃO, 2008, p.16), identificando-a com a busca por um sentido à existência concreta.

3. INDIVÍDUO: SÍNTESE EXISTENCIAL

O indivíduo, como o percebe Kierkegaard, não é, pois, uma ideia distante do concreto, como também não se resume à sua corporeidade. É síntese de dois polos: alma e corpo; eternidade e temporalidade.

Kierkegaard relê o mito da criação, para mostrar que, uma vez dada a vida e a liberdade ao homem, o Criador não definiu a essência humana, mas permitiu que ele forjasse a sua, ou seja, se tornasse um existente. Se Deus é, o homem existe, mas esta existência não é, previamente determinada: ele precisa realizar essa existência e não apenas viver. Em outros termos, para ser, o homem precisa ser concebido como ser aberto à existência.

O indivíduo é síntese na medida em que, percebendo-se corpo (elemento imanente), não é somente corpo; percebendo-se alma (elemento transcendente), não



é somente alma. Essas duas percepções são como tese e antítese, que se compreende quando desperta do sono o espírito, elemento sintetizador. Kierkegaard evidencia esse entendimento quando afirma:

O homem é uma síntese do psíquico e do corpóreo. Porém, uma síntese é inconcebível quando os dois termos não se põem de acordo num terceiro. Este terceiro é o espírito. Na inocência², o homem não é meramente um animal. De resto, se o fosse a qualquer momento de sua vida, jamais chegaria a homem. O espírito está, pois, presente, mas como espírito imediato, como sonhando (KIERKEGAARD, 2015, 47, grifo nosso).

Essa síntese impõe limites a todos os termos envolvidos, uma vez que, em sua mente, o indivíduo tem possibilidade quase ilimitada de se projetar, mas se depara com os estreitos limites de uma fragilidade corporal, pois o corpo é, a um só tempo, limite e possibilidade do espírito: limite pela finitude e contingência espaço-temporal que o obriga a estar no aqui e no agora (tempo); possibilidade por permitir a sensibilidade e a busca pela afirmação do “Eu”³ em sua existência (eternidade). A alma também é dotada de limites e possibilidades: pode superar a determinação do agora, projetando-se, planejando, visível através das normas, às quais deseja sujeitar sua existência. De igual modo, porém, a possibilidade tem um caráter aberto que leva à angústia, pois nada do projetado de fato é uma realidade (já) concreta.

² Inocência pode ser entendida aqui como o estado em que Adão se encontrava antes de pecar. É o homem antes de tomar a sua decisão diante da possibilidade latente: “**Podes** comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia que dela comeres terás que morrer” (Gn 2, 16-17, grifo nosso). Ao homem é entregue a possibilidade, cabe-lhe a decisão. Sinônimos válidos à compreensão do termo seriam: insciência, ignorância.

³ Este “Eu” pode ser lido como afirmação da individualidade, que ocorre da síntese existencial, portanto, “Eu” é sinônimo de espírito.



No mito da criação – que é uma escolha para a sustentação do argumento que produz efeitos epistemológicos e teológicos⁴ – o danês evidencia que Adão, quando passou a existir – por ação do Criador – decidiu, tão logo a questão foi posta, diferenciar-se Dele, individualizar-se. O meio pelo qual tudo ocorreu, literariamente falando, foi na escolha de comer o fruto. Ali Adão – primeiro homem – afirmou-se a si e todo gênero humano como indivíduo capaz de escolha. Desde então, não é possível fazer questões do tipo: “– Quais efeitos se dariam se **quisesse** Adão se manter uno com Deus e não comesse a fruta?”, uma vez que “no momento em que a realidade efetiva é posta, a possibilidade é descartada como um nada” (Kierkegaard, 2015, p. 54). Pode-se, contudo, formular-se, a partir da situação narrada, uma questão como essa: “– Caso Adão, ou outro humano, **queira** reintegrar-se com o Deus, como fará?”. Aqui, encontramos uma inquietação que, certamente, pulsava no coração de Kierkegaard e que pulsa em tantos hoje. Ele a expressou com a seguinte fórmula:

Pode haver um ponto de partida histórico para uma consciência eterna? Como pode um tal ponto de partida interessar-me mais do que historicamente? Pode-se construir uma felicidade eterna sobre um saber histórico? (KIERKEGAARD, 2011, p. 05).

⁴ Uma vez que, embora a grande questão seja demonstrar o homem como ser livre, por isso angustiado, uma vez que a *possibilidade-de* causa angústia, Kierkegaard acaba por interpelar uma questão religiosa: o livre-arbítrio, desde a Idade Média lido por Agostinho como uma capacidade dada ao homem desde a criação, mas que deixava irrefletida a questão da possibilidade de Adão não querer comer o fruto, obrigando-o assim a comê-lo, o que seria uma determinação incapaz de gerar um gênero-humano-livre. Kierkegaard propõem retirar Adão – leia-se primeiro homem – da condição “fantasticamente aquém da história” (KIERKEGAARD, 2015, p. 27) para engaja-lo e tornar a história unívoca, sem exceções na questão da liberdade.



Ora, o indivíduo encontra-se submetido à finitude do tempo, mas aspira a infinitude da eternidade: como compreender isso? Recordamos, novamente, o indivíduo como síntese, como síntese de temporalidade e de eternidade – finitude e infinitude. Essa segunda síntese, não suprime/suprassume a primeira (como ocorre nas proposições lógicas):

A síntese do temporal e do eterno não é outra síntese, mas expressão daquela primeira síntese [...]. Tão logo o espírito é posto, dá-se o instante. Por isso, pode-se dizer, com justiça, de um homem, com uma censura, que ele vive apenas no instante, dado que isso só ocorre por sua abstração arbitrária. A natureza não se situa no instante (KIERKEGAARD, 2015, p. 96).

A questão posta é a do instante. Kierkegaard reflete sobre essa nova categoria que ocorre no despertar do espírito, pois uma vez posto o espírito, o homem não é mais somente temporalidade (diretamente ligado a corporeidade), mas transcende essa condição. Assim, vive no instante. Vale ressaltar que a ideia de colocação do espírito ocorre no cristianismo (compreendido na assimilação judaico-helênica), de modo que os gregos, por exemplo, não se ocupavam da reflexão do tempo como instante uma vez que “[...] Platão chama *tò exaíphnes* [o súbito]. [...] e o motivo era que faltava o conceito de espírito” (KIERKEGAARD, 2015, 95). Posto o espírito, então, podemos compreender o instante como “átomo da eternidade”,

[...] aquela ambiguidade em que o tempo e a eternidade se tocam mutuamente, e com isso está posto o conceito de temporalidade em que o tempo incessantemente corta a eternidade e a eternidade impregna o tempo. Só agora adquire seu significado a [...] divisão: o tempo presente, o tempo passado e o tempo futuro (KIERKEGAARD, 2015, p. 96).

Dessa forma, uma vez que a eternidade está mais ligada a nossa ideia de futuro, e considerando que os gregos não tinham essa compreensão, eles viviam no súbito,



presentemente. Neste sentido, Kierkegaard ajuda no resgate do termo instante como categoria temporal na qual se está e que, assumida, permite-nos a afirmação da individualidade. Afinal de contas, ficar no presente é uma decisão nossa, uma vez que, pela potência do espírito, podemos, também, decidir pela fuga do instante através das lembranças: presentificando-as (como prolongamento do passado) ou idealizando-as (como antecipação do futuro).

O ato de escolha, no tempo, a enfermidade mesma que leva ao desespero⁵, por exemplo, na fuga. O desespero é diferente da angústia. A angústia – como veremos abaixo – é concebida como doença que acompanha o indivíduo até a morte e, ao mesmo tempo, permite ao indivíduo viver uma verdadeira vida.

4. ANGÚSTIA, PRESSUPOSTO DA INDIVIDUALIDADE: UMA ESCOLA PARA A VIDA

Perceber-se angustiado é atitude daquele que encontrou-se na existência, pois, perceber-se é ação de quem tem coragem de estar consigo, e mais, refletir sobre si. Perceber-se angustiado, além mais, é sinal de que o indivíduo encontrou na angústia um instrumento que desvela o mundo, mostrando-o como ele é de fato, e que, ao passo que o desvelamento avançava, mais próximo de si o sujeito buscou estar, para, de si – talvez único ponto seguro para observar – relacionar a sua existência à realidade.

Kierkegaard fez uma constatação que, vivendo-se um século e meio depois dele, fica mais evidente:

⁵ O desespero é outro tema desenvolvido pelo autor, pela extensão que requer e os limites aqui estabelecidos, indicamos a leitura da Obra *Doença para morte (Desespero humano)* de Kierkegaard. Discorreremos o assunto no artigo “Angústia e desespero em Soren Kierkegaard: uma visão antropológica”, ainda não publicado”



[...] a angústia será mais refletida num indivíduo posterior do que em Adão, porque o aumento quantitativo acumulado pelo gênero humano faz-se valer o indivíduo posterior. Sem embargo, a angústia não é, nem neste caso nem em outro qualquer uma imperfeição do homem, e pode-se dizer, ao contrário que quanto mais original é um homem, tanto mais profunda será sua angústia, porque ao entrar na história do gênero humano ele precisa apropriar-se do pressuposto da pecaminosidade⁶, que sua vida individual supõe (KIERKEGAARD, 2015, p. 57).

A angústia, assim descrita, é uma constante antropológica da sociedade contemporânea. Vivemos em um tempo no qual as pessoas buscam, desesperadamente, um sentido para suas vidas, ou, impulsionadas pela mesma força, buscam entreter-se de meios que as distraia do angustiar-se. Somos, como todo contemporâneo, a geração mais angustiada já existente. Acumulamos a inquietação de muitas gerações, suas respostas e dúvidas, por isso, lançados olhos ao exterior, percebe-se quão vazia de sentido parece estar a realidade que é frenética em movimentos, luzes e explicações científicas.

Qual caminho para encontrar sentido, então, em meio a essa realidade? A indicação dada por nosso autor sobre a existência elevada é somente uma:

[...] é uma aventura pela qual todos têm de passar: a de aprender a angustia-se, para que não se venha a perder, nem por jamais terem estado angustiados nem por afundarem na angústia; por isso, aquele que

⁶ Esse conceito é fundamental para compreensão não somente desse excerto, mas de toda Obra. Pecaminosidade/Pecabilidade diz respeito à possibilidade concreta que o homem tem de pecar. Pecar, aqui, implica a consciência de si e da possibilidade-de-escolher. Porque Adão escolheu comer a maçã (pecou), cada homem experimenta a possibilidade de, também ele, escolher. Escolher é tornar-se distinto do Eterno (Deus) uma vez que Ele é, somente, repouso constante. Enquanto cada indivíduo vai distinguindo-se, construindo-se e descobrindo-se, na medida em que escolhe, conscientemente, pois somente tendo ciência reflexiva de suas escolhas, pela angústia, é que o indivíduo se determina como ser existente e não ser-em-si. A pecaminosidade é uma característica (um transcendental) do ser finito, do ser que escolhe (para lembrar Agostinho), do ser-si-mesmo.



aprendeu a angustiar-se corretamente, aprendeu o que há de mais elevado (KIERKEGAARD, 2015, p. 168).

Aprender a angustiar-se é o caminho. Mas, que é angústia? Uma tonalidade afetiva que acompanha o indivíduo em sua vida, que é notada, sobretudo nas ocasiões de decisão, pois, como “realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade” (Kierkegaard, 2015, p. 45), acompanha o exercício das escolhas.

A angústia relaciona-se, intrinsecamente, com a liberdade. Não existe, portanto, em Kierkegaard, uma indeterminação absoluta. O que existe é a potência no homem de tomar decisões – fazer escolhas –, de encaminhar sua existência de acordo a sua consciência, respeitando – muitas vezes superando – forças que, sem que ele tivesse participação nelas, influenciam a sua vida. Angústia é a sensação com a qual o indivíduo, ao perceber-se potente, é afetado diante daquilo que para ele é valoroso.

A angústia é um estado latente. Ainda que seja passível de manifestação, a angústia não é algo necessária, mas contingente⁷. Kierkegaard admite, em cada homem, um estado de insciência. Passamos a ser afetados pela angústia em determinada coisa quando temos consciência de nossa relação com ela:

Angústia não é uma determinação da necessidade, mas tão pouco o é da liberdade; ela consiste em uma liberdade enredada⁸, onde a liberdade não

⁷ Como visa a estabelecer a angústia como traço antropológico fundamental do homem, Kierkegaard procura descrevê-la através das diversas aparições que ela (a angústia) realiza na vida do indivíduo. O elemento comum é que ela, poderia dizer, possui uma gradação: pode parecer “doce”, “estranha”, “tímida” (p. 46)... ela, no entanto, se harmoniza com a liberdade, o que é fundamental, do ponto de vista antropológico-existencial: “A angústia que está na inocência, primeiro não é uma culpa e, segundo, não é um fardo pesado, um sofrimento que não se possa harmonizar com a felicidade da inocência” (KIERKEGAARD, 2015, p. 46).

⁸ O tradutor na nota 122 (KIERKEGAARD, 2015, p. 200) sugere ainda o termo “complicada”: podemos compreendê-la distinguindo o Divino e o humano, porquanto o primeiro seja



é livre em si mesma, mas tolhida não pela necessidade, mas em si mesma
(KIERKEGAARD, 2015, p. 54)

Decorre, assim, podermos nos relacionar de duas formas com a angústia:
superficial: ou **profundamente.**

A primeira diz respeito a alguém que a) não tem consciência da existência ou b) a ignora. Não ter consciência (equivale a estar sonhando) é um estado provisório que se encerra tão logo – ainda na infância – pronunciemos o “por quê?”. Feito isso, acabou-se a insciência, saberemos algo e isso já é matéria, o que anula a ignorância (“absoluta”). Ignorar a existência é o estado de fuga das decisões (é próprio do estético), que, conforme foi dito acima (item 3.2), não permite assumir-se a si – a sua individualidade. Por outra via, relacionar-se, profundamente, com a angústia é manter um estado constante de vigília diante dela, fazendo-a instrumento que desvela o mundo, permitindo ao indivíduo viver com tranquilidade, mantendo a harmonia das relações: dos polos de si, sua síntese (seu eu), de si com os outros, com o cosmos, e, finalmente, com o Fundamento (Deus).

Para tanto, faz-se essencial a compreensão da angústia como “uma antipatia simpática e simpatia antipática” (KIERKEGAARD, 2015, p. 45). As ações do indivíduo são o retrato do quanto ele aprendeu a manter a angústia (antipatia) próximo de si, beneficiando-se de suas possibilidades (simpática) ou do quanto ele foi dominado pela angústia (simpatia) que o leva à perda de si (antipática) – desesperança que se mostra ao apego a um dos polos da síntese: alma (que busca suprimir o corpo) ou corpo (que busca suprimir o espírito).

simples – possua uma liberdade simples (onipotência) – o segundo possui uma liberdade enredada: uma liberdade que carece de ser explicada em diversos pormenores, muitas e complexas exceções.



5. SUBJETIVIDADE E HORIZONTE DE SENTIDO

Afirmar a subjetividade é ser indivíduo realizador de sua individualidade, pois “somente o indivíduo existente, e que se assume enquanto tal, pode reapropriar-se da sua subjetividade” (PAULA, 2009, p. 27). Essa afirmação se torna manifesta no modo como o homem pensa, fala e age, tendo consciência de que, o único lugar a partir do qual ele poderá executar tais ações é em si próprio, pois, somente o indivíduo que vive assim é capaz de, séria e tranquilamente, assumir, com responsabilidade, todos os desdobramentos de suas ações.

A seriedade nesse sentido significa a seriedade mesma, e só uma personalidade séria é uma personalidade efetiva; e só uma personalidade séria pode fazer algo com seriedade, pois para fazer alguma coisa com seriedade se requer, acima de tudo e principalmente, que se saiba o que é objeto da seriedade (KIERKEGAARD, 2015, p. 162).

Essas questões foram expressas por Kierkegaard nas *Migalhas filosóficas*, ainda na epígrafe (cf. acima, 3.1) e expressavam o desejo de encontrar, em última instância, a verdade, a felicidade eterna, em meio ao perecimento latente nos limites a que o homem está submetido. Ainda no *Conceito de angústia*, percebemos o quanto a liberdade, a verdade e a ação estão ligadas, uma vez que: o “conteúdo da liberdade, numa perspectiva intelectual, é a verdade, e a verdade torna o ser humano livre” e “a verdade só existe para o indivíduo à medida que ele próprio a produz na ação” (KIERKEGAARD, 2015, p. 150). As *Migalhas*, no entanto, deixam a impressão de que, como a Ética, a felicidade eterna é um grande objetivo mantido à frente dos olhos, que os ilumina, mas que eles nunca chegaram a “encontrar” propriamente, porque sua finalidade é dar rumo e sentido a caminhada do indivíduo.



Não o encontrará porque, antes, o encontro consigo deve-o ter desprendido de depositar em uma certeza objetiva e demonstrável, por vias experimentais ou lógico-rationais, o sentido de sua existência, pois “eu não provo que uma pedra existe, mas sim que algo, que de fato existe, é uma pedra; [...]. Quer chamemos existência de *acessorium* ou de *prius eterno*, ela jamais poderá ser provada” (KIERKEGAARD, 2011, p. 63). Dessa forma, para o indivíduo,

[...] o conteúdo mais concreto que a consciência pode ter é a consciência de si, do próprio indivíduo, não a autoconsciência pura, mas a autoconsciência que é tão concreta que nenhum autor, nem o de vocabulário mais rico, nem o mais hábil nas descrições, jamais conseguiu descrever um único tipo desses, enquanto que cada um dos homens é um deles (KIERKEGAARD, 2015, p. 156).

Por essa razão, encontrar o sentido existencial passa por encontrar-se a si. O caminho para este encontro é a interiorização. Dessa maneira, um indivíduo subjetivo é capaz de ações contrárias à lógica comum por contemplar as circunstâncias além das aparências imediatas.

Age – e necessariamente age – assim, um indivíduo que, como foi descrito acima (item 04), aprendeu com a escola da angústia a tornar essa sua afetação capaz de superar uma visão superficial daquilo que contempla.

6. CONCLUSÃO

O indivíduo, ao encontrar-se na existência, tem diante de si a responsabilidade de descobrir-se a si na vigília de suas ações. O modo mais elevado de vigiar-se é mantendo bem próximo a angústia, a fim de que ela seja um eficaz instrumento para contemplação da realidade.



A realização da subjetividade, implica, antes, ter-se compreendido *ser-capaz-de*: um existente responsável, que, consciente de si, toma decisões. Tomar decisões é um exercício complexo que se sustenta na liberdade humana: capacidade de decidir, e determinam as possibilidades através de uma escolha, anulando, naquela circunstância, as outras, para, logo a seguir, abrir-se a novas possibilidades e novas escolhas, de modo espiral até a concretização existencial.

Por conseguinte, conhecer-se a si é a condição sem a qual uma vida autêntica, como aqui se conclamou, não será possível. Assumir-se é, no intuito de estabelecer-se nessa existência a motivação que sustentará as ações éticas do existente para com os outros “eu”, com o cosmos e com o fundamento (Deus). Somente proprietário de si, das suas misérias e glórias, consigo, o existente poderá engajar-se no mundo e provocar-lhe alguma eficaz modificação, uma vez que – olhos no século – reina a diplomacia oca de multidões cegas e, medrosamente, sedentas por um rumo, um sentido para si que valha as penas em existir.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Direção Editorial de Tiago Giraud. São Paulo: Paulus, 1985.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **Migalhas filosóficas** ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativo direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis. Petrópolis: Vozes, 2015 (Vozes de bolso).

_____. **O desespero humano**. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988 (Os pensadores).

_____. **Ponto de vista** explicativo da minha obra como escritor. Lisboa: Edições 70, 1986. (Coleção textos filosóficos).



HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. 2 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003 (volume único).

LEÃO, Emmanuel Carneiro. Kierkegaard, apóstolo da existência. **Revista filosófica São Boaventura/FAE**, v. 1, n. 1, jul/dez, 2008, p. 11-22.

LE BLANC, Charles. **Kierkegaard**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003 (Coleção Figuras do Saber).

PAULA, Marcio Gimenes de. **Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard**. São Paulo: Paulus, 2009.



Kleber Santos Chaves

<http://lattes.cnpq.br/7842988511765847>

